



Experiência Regulamentada e Experiência Espontânea:
Os Individualismos e as Individualidades para
Aperceber-Se Devoto do Movimento Hare Krishna
*Experience Governed and Experience Spontaneous:
Individualisms and Individualities Realizing Hare
Krishna Movement's Devotee*

Vitor Hugo Adami*

Resumo: A presente análise propõe-se realizar uma breve reflexão sobre o ideal de pregação da proposta institucional da tradição do movimento Hare Krishna (ISKCON) verificado na relação entre os discursos da tradição, ditos como globais, com a experiência da consciência de Krishna observada localmente. Os discursos globais e a experiência local foram assumidos, aqui, sobre duas vertentes: a primeira iguala, enquanto que, a segunda, gera alteridade.

Palavras-chave: Identidade; Individualismo; Individualidade; experiência; tradição

Abstract: The article offers a brief analysis of the institutional goals of the Hare Krishna movement's tradition (ISKCON) and relates the latter to the tradition's global discourses and the observed local experience of Krishna consciousness. These two dimensions represent complementary perspectives: while the global discourse promotes equality, the local experience establishes alterity.

Keywords: Identity; Individualism; Individuality; experience; tradition

Introdução

Enquanto seres sociais, somos produtos das interpretações pessoais e institucionais. No entanto, isto não quer dizer que são, unicamente, as instituições que delimitam as nossas *apercepções de identidades*. Por outro lado, tampouco, são os indivíduos que as definem exclusivamente. Utilizando-se de uma metáfora para ilustrar isso, diria que a identidade é constituída por duas vias constituintes de maneiras opostas e com

* Doutorando em Antropologia Urbana (Universidad Publica de Tarragona); contato: vitorhugo.dasilva@estudiants.urv.cat

velocidades simultâneas. Uma é a via do indivíduo e a outra é a do coletivo. Como elas percorrem velocidades simultâneas e opostas, a aceleração é nula. Isto, então, quer dizer que chegaremos a nenhum lugar? Sim! De alguma maneira, sempre chegaremos sem saber se estaremos chegando a algum lugar, pois, a partir de uma hipótese, rodamos em círculos concêntricos, ora através de individualismos, ora por individualidades.

Essa linha de raciocínio perfaz dois tipos de abordagens em cima da concepção que fora denominada por *individualismo moderno*¹. A primeira é a do indivíduo levado pela proposta igualitária de uma instituição. Neste caso, ilustro como exemplo de instituição a tradição do movimento Hare Krishna (ISKCON), que instituiu um sentido de identidade de devoto de Krishna igual *para todos aqueles que se ocupem em consciência de Krishna e, com amor e devoção, prestem todas as espécies de serviços*². O sentido foi dado para todos os confessos tornarem-se ou reconhecerem-se como devotos, perfazendo-se em identidades coletivizadas pelo discurso global do movimento Hare Krishna³.

A segunda abordagem estabelece-se quando o indivíduo Hare Krishna vira o quadro de *apercepção* pessoal e se reconhece devoto de forma mais individualizada. Quero dizer, quando ele permite-se levar pela sua individualidade. A individualidade não assume como valor a igualdade. Ao contrário, é a predominância de sua alteridade diante dos demais devotos.

Entende-se que ambas percepções de valores por identidades são formas de se localizar hierarquicamente dentro da instituição. Neste sentido, faz-se importante operacionalizar o termo hierarquia tal qual Dumont definiu:

Definiremos então a hierarquia como princípio de gradação dos elementos de um conjunto em relação ao conjunto, ficando entendido que, na maior parte das sociedades, é a religião que fornece a visão do conjunto e que a gradação será, assim, de natureza religiosa⁴.

Portanto, assume-se como premissa a ser evidenciada que o valor atribuído à identidade do devoto é um grau hierárquico elencado na configuração institucional da tradição do movimento Hare Krishna. Ora ele está depositado num discurso global para reconhecer a todos como devotos, ora na experiência de alteridade para o devoto perceber sua individualidade.

¹ L. DUMONT, *Homo Hierarchicus*.

² A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada, *O Bhagavad-Gita como ele é*, p.497.

³ Discurso global e local qualificam duas maneiras percebidas no campo de pesquisa. Por ter realizado trabalhos de campos multissituados em comunidades Hare Krishna, o global foi o que constatei como institucional e igualitário nos países (Brasil, Espanha, Índia, Inglaterra) onde estive trabalhando. O local é a experiência de alteridade do devoto a partir da instituição globalizada.

⁴ L. DUMONT, *Homo Hierarchicus*, p.118.

O que diz a experiència institucional da tradição do movimento Hare Krishna

A experiència da consciência de Krishna é fundamentalmente condicionada ao que estabelece a instituição segundo a sua tradição. Quero dizer que a tradição *dita* e a instituição *grita* o que é experienciar a consciência de Krishna através do seu serviço devocional. A devoção a Krishna é denominado por *bhakti* yoga ou yoga da devoção. Ela é medida, institucionalmente, através do quanto o devoto se dispõe e se dedica a praticá-la diariamente. Em outros termos, é um tipo de experiència atada na *gramática da tradição*⁵, em que se encontram o sentido, o como e onde se deve praticar a consciência de Krishna.

Nas pesquisas de Vallverdú na comunidade rural Hare Krishna em Brihuega – Guadalajara – Espanha, o pesquisador distinguiu claramente os tipos de experiências pela consciência de Krishna a partir da tradição Gaudiya Vaishnava:

El *bhakti-ioga* dut a la pràctica sota regles i regulacions s'anomena *sadhana-bhakti*, el procés a seguir que el deixeble rep del mestre i de les escriptures. La pràctica del *sadhana-bhakti* implica assistir al *mangala arati* (cultre a la deïtat) de matinada, abstenir-se de certes activitats materials, oferir reverències al mestre espiritual i observar tot un seguit d'instruccions normatives subordinades a un precepte bàsic: recordar tothora a Krisna i no oblidar-lo mai [...]. Per tant, el punt d'arrencada del *sadhana bhakti* és fixar la ment en Krisna; empar tant la ment com els sentits en el servei devocional pràctic. I es diu que la millor manera d'aconseguir-ho és cantar el sant nom o *maha-mantra* Hare Krisna⁶.

A tradição definiu um preceito fundamental para os seus seguidores, de *nunca esquecer Krishna* dentro de uma norma que tenderia a se desenvolver, gradativamente, na experiència do devoto. Ou seja, conforme explicou Vallverdú, de uma normativa regulamentada para uma experiència espontânea de devoção a Krishna:

La primera part del servei devocional és, doncs, efectuar-lo d'acord amb els principis regulatius, que el devot ha d'observar sense discussió segons ho ordenin el mestre espiritual o les escriptures. Se'n diu *vaidhi* o *vidhi* (reglament). L'altra part del *sadhana-bhakti* s' anomena *raganuga*, i es refereix al moment en què el devot executa el servei devocional guiats per un amor natural envers Krisna d'una forma espontània. Així doncs, en la pràctica del servei devocional poden distingir-se dues etapes: una de reglamentada (*vaidhi-bhakti*) i una altra d'espontània⁷.

⁵ T.K.STEWART, T.K. *The Caitanya Caritamṛta and the Grammar of Religious Tradition*.

⁶ J. VALLVERDÚ, La comunitat rural Hare Krishna, pp.78-79.

⁷ Ibid.

Faz-se importante ressaltar essas duas etapas da prática do serviço devocional, pois elas evidenciam o respaldo institucional para o indivíduo confesso experimentar sua identidade. Quero dizer que tanto na etapa da devoção regulamentada como na fase espontânea a experiência do devoto estará hierarquizada a coerção institucional da tradição. Em outras palavras, no início da prática da devoção estará em jogo a predominância do valor da experiência regulamentada subordinada a um mestre espiritual. Ao longo do tempo, não se exclui por completo a influência do mestre, mas o devoto passará a valorizar a sua espontaneidade de se perceber consciente de Krishna. Uma experiência espontânea de devoção é o que vai gerar a individualidade do devoto. Por conseguinte, a alteridade diante dos demais será o valor mais englobante do que a igualdade pregada pela instituição.

Para fundamentar tal análise, tomei como dados empíricos duas entrevistas realizadas a devotos do movimento Hare Krishna (ISKCON) em trabalhos de campo na Espanha. A partir desse material pretende-se evidenciar de que maneira a identidade do devoto perfaz lógicas de individualismo e de individualidade mediante a busca pela experiência da consciência de Krishna.

A voz interior e a voz coletiva: as vozes que guiavam Kátia para a consciência de Krishna

Entrevistei Kátia em 22/04/2007, quando realizava um trabalho de campo no templo da ISKCON em Barcelona. A fim de resguardar a privacidade da entrevistada, adotei esse nome fictício.

Kátia é italiana da cidade de Pisa e, no período que a conheci, tinha 27 anos. Estava passando por Barcelona com destino às Ilhas Canárias. Resolveu ficar uma semana no templo para realizar um serviço devocional a Krishna como ajudante de cozinha no restaurante do templo. Considerando isto em termos utilitários, essa atividade de quatro horas diárias a isentava do pagamento da hospedagem e da alimentação enquanto ali estivesse.

A devota já conhecia o movimento Hare Krishna havia mais de seis anos. Mesmo assim, até aquele momento, não tinha ainda se iniciado espiritualmente por nenhum mestre espiritual da instituição. Revelou que seguia os ensinamentos de Prabhupada, o guru fundador da ISKCON (Sociedade Internacional para Consciência de Krishna), e procurava seguir, rigorosamente, os princípios exigidos e reconhecidos para considerar-se uma devota de Krishna.

Quando perguntada acerca de os conflitos de administração e os escândalos sexuais envolvendo líderes espirituais em alguns templos da ISKCON⁸, a sua justificativa para tal acontecido foi responsabilizar ao formato *quadrado da instituição*:

Y veo que no es para mí, por ejemplo, una institución. Si que la regla y todo eso está bien, creo que es una etapa. Hay siempre más allá, o sea, hay también que salir del cuadrado, del recinto, ya cuando se pone más maduro espiritualmente. Pero yo también he analizado así viendo que hay mucha gente que necesita eso. Necesita porque se queda muy perdido en el mundo. Entonces necesita regla, necesita algo rígido para estructurar esa mente que sin eso estaría con mucho miedo, muy perdida. Todo lo veo así como una etapa para llegar al supremo. No es absoluto, o sea, el mensaje que da Krishna, todos los maestros, como Jesús, todo los maestros así iluminados, o sea, la esencia es verdad luego según tiempo, circunstancia y lugar. Hay unas formas de actuar, algunos instrumentos son diferentes. Y esto va cambiando también con los siglos. Por ejemplo hay reglas que estaban en otros siglos que ahora no, vale!

Diante desse primeiro depoimento de Kátia, decidi organizar a análise da experiência pela consciência de Krishna em duas figuras geométricas respectivamente: o quadrado, representando a experiência institucional, e o círculo, demonstrando a experiência da individualidade do devoto. A explicação para isto é atribuída à geometria do quadrado, que possui quatro ângulos iguais e fechados em suas arestas. Isto vem ilustrar uma instituição como conglomerados de pessoas que procuram fechar-se entre si ao reproduzir um sentido similar por identidades. No caso em questão, a de todos considerarem-se devotos de Krishna. Para isto acontecer, eles deveriam, necessariamente, compartilhar com um sentido comum de experiência da consciência de Krishna. Levando-se em conta a perspectiva do indivíduo, a experiência quadrada é aquela que reproduz um tipo de individualismo. Por conseguinte, o valor que estará em jogo é a igualdade entre eles diante da instituição. No caso do círculo, refiro-me à experiência da individualidade do devoto. É circular quando o devoto começa a reconhecer sua alteridade diante dos demais. Ele se posiciona no meio, e a *apercepção* da experiência ocorre a partir do que ele percebe ao seu redor. Nesse sentido, o devoto valorizará o que poderá ser diferente, exclusivo para ele como experiência pela consciência de Krishna.

Antes de conhecer os Hare Krishna, Kátia já se considerava uma buscadora espiritual. Segundo ela, aos 16 anos de idade percebeu que *queria voltar ao Senhor*. Nesse período costumava frequentar templo budista perto de Livorno – Itália. Sua presença,

⁸ Para maiores informações e detalhes, ver M.L.EKSTRAND; E.F.BRYANT (eds.). *The Hare Krishna movement*; E.B.Rochford; *Hare Krishna transformed*.

ali, era pela praticidade de uma prática religiosa mais próxima de sua casa do que, realmente, a experiência concreta da religião budista. Ela buscava por conhecimentos como, por exemplo, *saber que não era seu corpo e sua mente*. No templo budista não obteve tal entendimento. Quando perguntava algo a respeito, falavam-lhe sobre *iluminação e vazio*. Enfim, não eram respostas que lhe pudessem suprir as indagações existenciais. Toda vez que se deparava com alguma instituição ou movimento religioso que lhe oferecia certa espiritualidade, buscava mais informações. Procurava conviver com eles e sentir a mensagem que pudessem transmitir. Sentia-se como se estivesse conectada a uma *grande energia que lhe fazia buscar por algo mais espiritual*. Tinha a compreensão dessa conexão como algo que *já havia trabalhado em outras vidas*. Por isto, num dado momento, decidiu experienciar sua espiritualidade sozinha, sem vincular-se a nenhuma instituição religiosa. Com o passar do tempo, percebeu que não era possível perseverar em sua experiência sem o contato das pessoas que estivessem dispostas a comungar com o mesmo ideal. Diante dessa necessidade, resolveu, num ano de trabalho intenso limpando apartamentos, limpando vitrines e ainda sendo ajudante de coreografia num grupo de teatro, arrecadar uma importância em dinheiro que lhe favoreceu uma viagem por dois meses a Bali, na Indonésia:

Tenía 20 años cuando me fue a Indonesia entonces ahí me abrió muchas cosa, traumas. Hay cosas que tu no sabe gestionar, te pasa algo y no sabe cómo enfrentarte, porque simplemente no sabe utilizar los instrumento psíquico tan poco tienes mucho conocimiento. Porque al final se te muere uno de los padres y has perdido alguien pero en la verdad en la vida espiritual no hay perdido a nadie. Entonces hizo me abría mucha atadura del pasado, mucho trauma del pasado que yo había perdido mi padre con 14 años de enfermedad [...]. En Bali vi la cultura de Rama [una encarnación más antigua de Krishna]. Hay mucho Rama, Ramayana. Sí, me conecté otra vez con ese conocimiento oriental que siempre me ha atraído mucho, cuando sentía el olor de los inciensos sentía mucha atracción, entonces empecé a estudiar un poco lo que era Rama y todo eso. Y claro y también Bali es una isla muy fuerte energética. Se tu estas un poco abierto y también puede recibir mucho conocimiento de *prana* al final y todo porque está impregnado de Krishna y de conocimiento.

Para poder explicar como chegou a conhecer o movimento Hare Krishna, Kátia contou a história de sua experiência religiosa anterior. Do contacto com o Budismo até a visita a Indonésia. Toda essa trajetória em torno da religião era para apreender, ter conhecimento e compreensão sobre algumas experiências impactantes em sua vida que não conseguira entender por conta própria. Por isso, percebeu a necessidade de possuir instrumentos que pudessem dar sentido e significado às suas experiências traumáticas. Cabe aqui demonstrar, mediante o exemplo de Kátia, o que quero dizer por *experiência*

circular do indivíduo: acontece quando o indivíduo conta a sua história e se posiciona como um núcleo dos acontecimentos exteriores. Tudo converge a seu favor ou desfavor. É um processo dialógico, em que o indivíduo dialoga consigo e com o seu exterior em busca de uma racionalidade que lhe explique e se encaixe em suas expectativas pessoais. No depoimento a seguir, será possível perceber o diálogo interior que Kátia estabelecia como ela mesma para sentir-se guiada sobre o rumo de sua vida:

Regresé y me fue a Canarias después de dos meses porque sentí esa voz que me decía que debería ir a Canarias. Había ahí una amiga que estaba totalmente en otra onda, que estaba en Canarias. Seguía esa voz interior que decía tienes que ir a Canarias yo tenía que seguir. O sea es como el maestro diciendo lo que tiene que hacer. No tienes medios no tienes dinero pero lo hace porque siente esa vocación así al divino y sentí que esa voz viene. Claro cuando llegué a Canarias tenía como 50 Euros para después el señor fue bondadoso, pues en dos semanas ya trabajaba en un hotel y sin saber el idioma y nada. Se aquí hay algo para mí se manifestará y voy hacerlo lo que tenga que hacer para mantener el cuerpo y todo pero espero [...]. Y nada, seguí buscando y también apareció un amigo, un chico que se llamaba Francesco, italiano, que tenía el libro de Prabhupada y cantaba el mantra Hare Krishna. Él no era devoto de institución. Le gustaba Prabhupada, la esencia pero no la institución. Él veía que al final le cortaba. Le cortaba la espontaneidad al señor.

Até então, a identidade de *buscadora espiritual* lhe permitira o trânsito por diferentes manifestações religiosas. A própria denominação de *buscadora* abria o precedente a não vinculação a nenhuma instituição. Naquele momento, o que a guiava era a *voz interior*. Deixando-se levar pela subjetividade, Kátia realizava um tipo de sincretismo entre tradições religiosas. Nesse caso, misturando a tradição cristã com o movimento Hare Krishna:

Después de unos años yo cantaba el mantra, porque me quede en las Canarias casi 7 años y después de dos años cantando el mantra, leyendo los libros de Prabhupada y claro que paso que cambié de Isla de Tenerife me fue a Fuertventura. Viví dos años en el desierto. Entonces ahí puede desarrollar esa relación profunda con el señor. Claro, sin embargo, estuve dos años también en paralelos estaba estudiando con los cristianos evangélicos. Leía la Biblia y fuera de ellos cantaba el mantra porque para mí es lo instrumento más poderoso que hay para volver al señor. Pero me gustaba a Jesús porque sentía algo que era de verdad. Entonces me acerqué a ese grupo de evangélicos muy particular ellos eran muy potentes con el poder del señor, aunque comían carne y por eso investigué porque ellos tenían muchos poderes espirituales. Desde ahí vino la movida de querer ver la institución porque leyendo los libros decía que aquellos que comen carne no tiene ningún contacto

con el señor sin embargo ellos tenían muchos poderes espirituales. Claro Krishna como Krishna no se revelaba tan profundamente, pero tenían el poder del señor. Yo sentía la presencia del señor por eso me encantaba juntarme a ellos. Estuve un par de años con ellos y la verdad me ayudaran muchísimo a limpiarme esa atadura, traumas [Evangelistas carismáticos de sur América].

Na narrativa acima, pode-se constatar o quanto Kátia estava institucionalizada nos princípios da tradição do movimento Hare Krishna sem mesmo pertencer a uma comunidade de devotos específica. Isto implica pensar que o processo de institucionalização da tradição não estava exclusivamente no pertencimento a um coletivo. É uma racionalidade que o indivíduo estabelece como valor predominante que reflete na sua *apercepção* interior e exterior. No entanto, para solidificar a coerção institucional da tradição faz-se necessário o convívio com os afins:

Y ahí empecé la experiencia con los devotos más cerca de la institución y lo que sentía en la primera vez fue una soledad increíble no templo de Italia. Eso me hizo reflexionar mucho y tuve otras experiencias para mí muy fuerte. O sea, mí di cuenta después de algunos días porque el primero día yo iba a todos así hablando y me quedé hablando con un chico y se hizo tarde digamos ya las nueve de la tarde. Él para mí era alguien así como más iluminado, que podía contar de Krishna yo muy inocente que para mí allí había la protección, entonces así damos un paseo para me contar de Krishna al final me alejó bastante y quería besarme y todo eso. El día siguiente él me pidió disculpas, no me molestó, más para mí eso fue muy fuerte. Lo relacioné como una enseñanza de Krishna. Y desde ahí empezó mi experiencia ahí en el templo. Había poca mujeres y las que habían eran muy ácidas me miraban con ojos muy fríos. Había algo muy raro con el presidente del templo, luego lo echaron de la comunidad. Yo después de una semana decidí irme. Pero la institución ahí era tan fuerte que después que salí de ahí el hecho de estar en el mundo causó una depresión muy fuerte en mí ser. Cuando llegué a casa, no quería salir de casa porque todo me parecía malo, de hecho aquí eso no se puede tocar porque eso... se tú haces eso... es una ofensa... Salí muy sensible. Por un momento tuve ganas de quedar en el templo pero esa voz me dijo no! Tu fuera! Y sentí también que venía de lo divino entonces acepté y no me quedé en el templo. Volví a Canarias. Y seguí mi viaje fuera del templo. Y también esa experiencia la relacione con Krishna y su misericordia me hizo crecer espiritualmente.

O depoimento acima demonstrou uma lacuna existente entre a experiência subjetiva e coletiva sobre a consciência de Krishna. Neste contexto, faço a distinção entre indivíduo e pessoa, mesmo tendo em conta que ambos são o mesmo agente social institucionalizado. Kátia, em sua individualidade, que dizia seguir a sua voz interior, não conseguiu permanecer receptiva ao convívio dos devotos. Ao mesmo tempo, para

manter sua identidade coletivizada, fazia-se necessário estar associada a eles, pois entendia que na vida cotidiana secular, até certo ponto, não encontraria o respaldo necessário para praticar a consciência de Krishna:

Y después de 2 e 3 años resolví volver tener la experiencia de volver al templo, porque cantando el *mantra* hay un desarrollo y claro después de algunos años tenía ganas de asociarme con devotos con gente que sabía más no solo con la naturaleza porque tenía ese deseo de juntarme con personas también y volví a Italia [...]. Me refugiaba mucho en el servicio devocional porque no podía hablar con nadie entonces yo vi que no había la esencia que buscaba yo. Y me refugié en eso. Me refugié mucho en el canto del mantra. Entonces ahí percibí Krishna cerca y empecé mi comunicación directamente con él.

Diante da convivência isolada e solitária no templo, Kátia percebeu que a voz interior que desde adolescente a guiava era o próprio Krishna. Essa racionalidade lhe permitiu a ter uma experiência pela consciência de Krishna mais particularizada, possibilitando, assim, articular o entendimento de sua subjetividade aos símbolos dessa tradição. Geralmente, o particular segue uma suposta lógica de espontaneidade de atuação. No entanto, às vezes, o que fora considerado como espontâneo não se encaixa na expectativa de uma experiência regulamentada pela instituição. Isso foi verificado no seu depoimento, quando ela, novamente, resolveu voltar para as Canárias e procurar a viver uma experiência pela consciência de Krishna mais espontânea:

Observé que era todo mundo muy bajo la institución y todo los días la misma oración, lo mismo horario que al final como una repetición. No había nadie que se levantara empezara a comunicar con Dios de una forma espontánea. No era todo muy, dentro de este cuadrado. Yo veo como un cuadrado. Puede ser que yo en la Isla Canarias experimenté esa espontaneidad a través de la naturaleza con el señor. Yo estaba en una Isla que está en frente de Tenerife que se llama la Isla de la Gomera. Entonces estaba en ese puerto esperando al barco, no había mucha gente, poca gente porque la isla es chiquita, había montaña y así miraba dos chicos que eran un poco así hippies. Y él tenía un mono, con una cola muy larga, entonces la gente estaba atraída por eso. Yo también miraba ese mono. Ellos iban así hippies, poco sucio, se estaban haciendo un bocadillo con chorizo. Ahí empecé con la mente: ah Krishna, están comiendo carne, no? Y tu como puede revelarte en ellos? Yo se que tú estás ahí pero yo no consigo verte, no? Ahí en esa situación, empecé un poco hablar con Krishna y a un momento dado se acerco un señor, eses alemanes que viajan pelo mundo con bicicleta, muy grandote, con panza. Entonces les pidió sumo y ellos se lo dieran. Y claro él levaba una camiseta toda estrecha con un dibujo de Krishna, estaba Krishna con la flauta. Ahí admirando, él como era muí grande, muí alto y muí grande, estaba como Krishna en el medio

de todo ese escenario, él tenía una barriga tan grande y Krishna se movía. Y sentí que Krishna me hablaba con una sonrisa: mira estoy en esa situación. Estoy aquí. Ellos no pueden me ver. Yo danzo, es como un baile para mí. Y sentí mucha felicidad, mucha paz e tranquilidad. Mi mente se relajó.

A narrativa de Kátia sobre a sua experiência pela consciência Krishna demonstrou dois tipos de experiências possíveis de serem vividas a partir da referência de uma instituição do movimento Hare Krishna. A partir do seu caso, evidenciou-se o conflito entre o individualismo, que procurava igualar a todos numa performance de iguais, com a individualidade, que, acima de tudo, levava a sua alteridade. O impasse pela busca da igualdade e da alteridade foi classificado dentro de duas formas distintas de perceber a experiência: a experiência individual e a experiência institucional.

A próxima entrevista vem demonstrar a experiência de um monge celibatário que vivia há 13 anos no templo da ISKCON em Brihuega – Guadalajara – Espanha. Objetivo é realizar uma comparação contrária a da experiência de Kátia, que não conseguia viver por muito tempo em templos do movimento Hare Krishna.

El cuerno de vaca y una cuchara: os símbolos que guiavam Ananda para a experiência da consciência de Krishna

A presente entrevista foi feita ao longo do caminho de Santiago – Espanha – quando acompanhei um grupo de devotos Hare Krishna em peregrinação no período de 10/07/2011 até 26/07/2011. Ananda dispôs-se a dar-me uma entrevista de forma muito natural. Estávamos peregrinando quando ele me contava sobre a sua vida pessoal. Nesse ínterim pedi sua permissão para gravar a nossa conversa, a fim de ser utilizada como um dado de pesquisa. Para manter certa privacidade das informações sobre a sua vida pessoal, preferi chamá-lo de Ananda.

Ananda tinha 43 anos quando o entrevistei. Aos 28 anos, começara a sentir uma necessidade de dar vazão as suas inclinações filosóficas. Elas se iniciaram como uma espécie de inquietude e também uma busca mais ativa por respostas. Conforme ele mesmo comentou: *levar uma vida de forma mais instintiva. Deixando-se guiar pelo coração. De uma maneira um pouco desorganizada. Sem uma razão que justificassem os acontecimentos.* Durante esse período, passou por um sentimento forte de renúncia. Renunciar à sua vida cotidiana, à maneira que ele levava a vida. Ele vivia na casa dos seus pais e tinha uma companheira que estava grávida. Neste período foi quando acentuou um sentimento que lhe impulsionava a largar tudo. Percebia que ele vinha do coração, mais forte que a razão. Isto veio causar um conflito na relação com sua mulher e o seu filho que estava para nascer. Resolveu, então, abandoná-los e partir para uma

espécie de peregrinação. Não sabia exatamente o que era e para onde teria que ir, mas estava certo de que ao longo do caminho iria descobrindo.

Certo dia, de repente, recordou que existia um templo Hare Krishna em Madri. Ele foi visitá-los e logo que chegou foi informado que eles tinham uma comunidade rural, onde haviam vacas numa granja muito bonita em Guadalajara. Como estava procurando viver um estilo de vida ascético, afastado do mundo, conhecer essa comunidade dos devotos poderia ser o lugar ideal para seus objetivos. Quando chegou à comunidade, sentiu-se à vontade. Percebeu que era *o chamado do coração que o tinha levado para lá*. Isto o estimulou a viver ali com eles por um período. No início, sujeitar-se a uma disciplina monástica não foi fácil. Por várias vezes decidia voltar a viver na pequena cidade próxima a granja, mas, ao final, acabava retornando ao templo. O contato com os livros de Prabhupada e a associação com os devotos foram lhe ensinando, pouco a pouco, a perseverar no caminho da consciência de Krishna. Tudo isto fora justificado por uma necessidade de viver *uma vida mais afastada, isolado de sua família*. Residir na granja acabou se tornando, assim, a opção mais racional e segura para sustentar seu *estilo de vida renunciante*.

Ao longo dos anos, quando já dominava as etiquetas sociais requeridas para ser um monge, sentia mais segurança diante de sua escolha. Começou a desenvolver atividades de pregação nas ruas – distribuição de livros. Acompanhava outros devotos em viagens sob forma de caravanas para vender livros. Isto representou uma mudança significativa em sua vida. Seguiu os princípios regulatórios e aprendeu sobre a filosofia da tradição do movimento Hare Krishna. Tal aprendizado foi reconhecido como uma nova racionalidade que lhe dava as respostas para as suas inquietudes pessoais. A cada inquietação respondida pelo o conhecimento da tradição, mais solidificava a certeza de que estava no lugar certo.

Até a presente data, Ananda vinha vivendo na comunidade Hare Krishna de Guadalajara, totalizando 13 anos de convívio com os devotos. Contudo, ao longo da entrevista, ele reconheceu que passava por outra fase de mudanças. O fato de participar do caminho de Santiago representava, para ele, um sinal de que algo novo estaria por surgir. Questionei sobre o que poderia ser tal mudança. Ele me respondeu dizendo que já sentia a necessidade de procurar outro lugar para viver, longe da granja. Ao mesmo tempo, sentia que deveria manter o mesmo tipo de atividade que ele desempenhava na comunidade dos Hare Krishna. Por isso, pensava contatar comunidades agrícolas autossustentáveis que não fossem, unicamente, sob a direção de um templo Hare Krishna.

Perguntei para ele como ele definiria os 13 anos de convivência com os devotos Hare Krishna na comunidade rural de Guadalajara:

Sí, estoy siendo educado por ellos porque he sido muy salvaje [...] muy rebelde, muy salvaje, muy independiente. No me ha adaptado fácil a las circunstancias. De hecho soy muy inestable. Y bueno creo que a través de los devotos a través del templo eso me ha ayudado a pulir otras cosas, a mi carácter que son necesarias para dar el siguiente paso, en mi vida. Y bueno estoy muy contento con ellos [...] yo vivo así como una vida de renuncia de renunciante [...] renuncia a la vida social, romperse sus conexiones, sus vínculos familiares y sociales, hacer votos de austeridad.

No início da entrevista, sua postura diante da comunidade foi positiva, considerada como uma dádiva que lhe fora dada para poder aprender a colocar ordem na sua vida diante de uma postura muito desorganizada e rebelde que vivia. Ressalto, aqui, a questão da *busca por uma ordem*. Poderia ser entendida como uma necessidade para ele atuar em um tipo de comportamento mais igualitário, que lhe garantisse um significado e um sentido de ordem para existir compartilhado e, assim, lhe oferecesse recorrência em sua atuação social. Neste caso, a referência pela igualdade dar-se-ia mediante as regras e condutas estabelecidas pela instituição da tradição do movimento Hare Krishna:

No me ha adaptado fácil a seguir las reglas o las normas porque lo mejor no me sentía inspirado o veía que para seguir alguien tenía que sentir inspirado, no? Lo hacia la mejor cuando no tenía más remedio pero y eso de alguna manera, bueno, pues, tan poco me llevaba ninguno bien porque lo hacía, me iba al otro lado, no? [...] Al encontrar la autoridad de Prabhupada y de los devotos de alguna manera me convenció. Acepté y acepté la guía de algunos devotos serios que realmente se preocuparan por mí. Y me dieran hasta lo que Yo merecía, creo no? Esas personas las considero líderes, mis superiores. Uno de ellos es mi maestro iniciador. Hay dos personas también que son como instructor que me ha instruido en momento particular.

O depoimento de Ananda demonstrou um conflito de ordem social na relação entre indivíduo e coletivo. Discuto, então, a questão da autoridade, em nome de uma tradição, exercida sobre o indivíduo. Em outras palavras, toda a relação de autoridade sobre o indivíduo é dada por coletivos de pessoas. Neste sentido, não se atribui a origem da autoridade a um líder carismático específico, mas aos devotos que reforçavam e reavivavam localmente sua mensagem. São as pessoas que ratificam, legitimam e perpetuam ou não a autoridade de um líder carismático representante de uma instituição. A coerção coletiva ocasiona conflitos no relacionamento do indivíduo com ele mesmo. Quero dizer que, a partir do momento que a disciplina é incorporada e

reproduzida numa prática diária, instaura-se o conflito entre o que possa ser natural e espontâneo para o indivíduo e o artificial e mecânico do coletivo:

Y finalmente, claro, uno llega a una madurez de una forma natural surge esa renuncia natural. Yo me auto impuesto esa disciplina y eso también por un lado hace un daño aunque por otro lado también me ha beneficiado me ha dado cierta capacidad de fortaleza, no? Es cuando uno come demasiado y el siguiente paso lo mejor es el ayuno, no? Pero luego tiene que volver a comer de nuevo. No va quedar siempre ayunando.

Percebi outro aspecto importante a se levar em conta nessa relação entre indivíduo e coletivo: a sujeição do indivíduo a uma disciplina coletiva para garantir ordem e segurança pessoal. No momento que o devoto reproduz uma experiência institucional, ele passa atuar a partir de um senso de identidade e comunidade dado pela instituição da tradição. Novamente, ilustro isto com a metáfora do quadrado. Ou seja, o pertencimento a uma instituição como uma fortaleza quadrada que assegura igualdade e previsibilidade na atuação social. Ao mesmo tempo, isso vem obscurecer a expressão singular da pessoa, pois o que é espontâneo não pode ser ordenado. A ordem sempre é coletiva e institucionalizada.

Tanto na entrevista de Ananda como na de Kátia, foi possível constatar essa necessidade de eles buscarem uma associação com pessoas para racionalizar e compartilhar seus projetos para existirem com afins. Em suma, encontrar um espaço coletivo onde eles pudessem validar as suas expectativas pessoais num contexto associativo.

Ananda comparou a sua vida coletivizada entre os Hare Krishna como uma “dieta”, um jejum, para organizar a digestão da sua existência. Ao mesmo tempo em que reconhecia a disciplina institucional como importante para organizar a sua pessoa, ele também a percebia com um mal necessário. Observei essa oscilação de percepção como uma hierarquia de valores que sustentavam seu individualismo em relação à sua individualidade. Os valores em questão eram a disciplina e a espontaneidade. A disciplina como um sentido do individualismo e a sua espontaneidade como um significado para sua individualidade.

Neste sentido, o espontâneo não poderia ser disciplinado. Por isto, vejo como uma hierarquia desses valores que se articulam em formas de englobamentos. O aporte teórico em ajudou-me a entender o termo hierarquia como uma gradação, que não quer dizer, unicamente, uma analogia de poder e nem autoridade:

Aqui, ao contrário, porque se trata de hierarquia e em termos mais gerais de representações, e de sociologia, o englobante é mais importante que o

englobado, do mesmo modo que o conjunto é mais importante que as partes ou que, para um determinado grupo, seu lugar num conjunto comanda sua organização própria.⁹

O que definiu esse jogo hierárquico de valores foi a percepção da experiência concebida pela consciência de Krishna. Ao longo da caminhada, perguntei a Ananda o que era ser consciente de Krishna. Em princípio, ele não tinha uma resposta pronta. Disse que não saberia explicar. Depois de uns 20 minutos caminhando em silêncio, aconteceu um fato que lhe permitiu definir o que significava para ele ser consciente de Krishna. Em realidade, o significado surgiu a partir de uma experiência que compartilhamos juntos.

Convidei-o para tomar algo. Pedi um café e, ele, um suco de laranja. Notei que ele ficava calado e olhava por todo lado. Estava fazendo frio e chovia muito, por isso pedi para entrarmos num bar. Ao sair, nos deparamos com uma vaca que mugiu. Desde aí, Ananda começou a explicar o que era para ele ser consciente de Krishna:

Mis padres tenían un negocio de venta de carne y yo trabaja de hecho en ello. Llevado por una situación, para mi resultaba cómodo. Y recibía así dinero y bueno pues cuando resolví cortar con el nexo familiar o económico surgieron todas las posibilidades. Viajé a Cádiz y en un anticuario encontré una forma de búfala y una cuchara. Y luego, cuando conocí los devotos pues fueran las dos cosas que empecé hacer era cocinar, bueno, aprender a cocinar la cocina Védica, la cocina de los devotos, y los cuidados de las vacas. Empecé a tratar con ellas, ordeñarlas. Eran dos cosas que las hacían de manera muy natural. Luego más adelante, pues, mi maestro también mi inspiraba para que siguiera con las vacas, cocinando [...] son señales de que eso es el camino, de que estoy vivo.

Introduzo, aqui, a noção de *memória seletiva* para ajudar a explicar o vínculo à tradição. Ananda fez uma relação de dois símbolos pessoais que lhe chamaram atenção antes de conhecer o movimento Hare Krishna. Uma guampa de boi (*cuerno*) e uma colher (*cuchara*). Esse dois símbolos agregavam sentidos importantes para ele direcionar sua identidade como devoto Hare Krishna. Posso arriscar afirmar que eles funcionavam como uma ponte que unia a subjetividade de Ananda com a coletividade da tradição do movimento Hare Krishna. Percebo, então, os símbolos impetrados por uma tradição como sentidos para direcionar as individualidades em individualismos institucionalizados.

No entanto, a eficácia da representatividade dos símbolos como um valor predominante somente acontece quando o devoto o reconhece como fazendo parte de

⁹ L. DUMONT. *Homo Hierarchicus*, p.129.

sua experiência pessoal anterior. Por isto, que é um processo de composição entre o sentido que os símbolos oferecem com os significados que eles podem atrelar aos devotos:

Curiosamente, normalmente los devotos Hare Krishna no se van entrar en los bares. Yo de hecho he seguido los principios muy estrictamente en eso 13 años pero ahora siento como que tengo que abrir un poco esa rigidez, tengo que abrirla [...] pero de una forma inteligente. Y por ejemplo tu ahora me has facilitado eso, no? El hecho de que he entrado contigo al bar y así relajado y luego salí cuando me encontraba con las vacas pero me dado cuenta dentro del bar del yugo porque yugo implica es algo muy importante porque yoga viene de unión. He visto que realmente ese es el propósito, esa unión. A más claro el trabajo con los bueyes es algo que tengo una particularidad en el sentido que tengo que servicio que quiero hacer que quiero desarrollar. Bueno de hecho ahí tenemos también toros. Es algo que me va vincular mucho con Krishna y con el maestro espiritual. Y cada vez que me encuentro con esos señales yo veo que ok, que de alguna manera estoy en esa dirección.

Importante ter sido testemunha do vislumbre de Ananda sobre o que representava a experiência sobre a consciência de Krishna em sua vida. No local onde estávamos (um bar) ele conseguiu selecionar, via lembranças pessoais, os sinais que lhe comunicavam o que era ser consciente de Krishna independente de estar num templo ou junto com devotos. Quero dizer que os sinais transformados em símbolos da tradição lhe facultaram uma atuação individualizada, logo, mais espontânea. Neste sentido, o valor de sua experiência espontânea foi englobado pelo símbolo que representa a tradição. Quero dizer com isto que, ao invés de Ananda sentir-se um produto em série de uma instituição, ele conseguiu, através dela, experienciar de forma singular o que é ser consciente de Krishna:

Consciente de Krishna veo cuando fluye de una forma particular que yo lo siento en el corazón es algo mas, algo fuerte, no? Un sentimiento fuerte aunque no esté de acuerdo con los principios religiosos pero son experiencias momentos determinados, humanos, de sentimientos [...] está más allá de las reglas ortodoxas.

Realizando um recorrido das duas entrevistas anteriores – Kátia e Ananda –, encontrei análises similares quanto à importância do símbolo para sinalizar a passagem do individualismo, que diz respeito à instituição e à individualidade, considerando a singularidade do indivíduo.

Kátia, em momentos de conflitos em seu entorno existencial, tanto na convivência com os devotos como fora, baseava-se na orientação de sua *voz interior* para que guiasse o rumo de sua vida. Ao longo do convívio com os devotos e o conhecimento da tradição

do movimento Hare Krishna, ela definiu para si que aquela voz interior, que sempre lhe falava, era o próprio Krishna. O mesmo aconteceu com Ananda quando ele se deparou com *el cuerno y la cuchara* como os sinais que lhe simbolizavam o caminho pela experiência da consciência de Krishna. Observei nessas duas entrevistas que o simbolismo pode ser apropriado pelos indivíduos de diversas maneiras. Tanto para reproduzir uma experiência coletiva igualitária e, assim, solidificar a lógica institucional em termos de individualismos, como para promover a sua individualidade e a alteridade entre os demais.

A experiência singular, aquela que gera alteridade do devoto diante seu coletivo é espontânea, por que somente ele a vive. Por conseguinte, conforme essa possa acontecer, ela pode ser considerada como transgressora a instituição. Isto foi evidenciado no depoimento de Kátia quando ela *percebeu Krishna estampado na camisa de um alemão bêbado que estava comendo um sanduíche com carne*. Da mesma maneira, quando Ananda deu-se conta da consciência de Krishna num local onde se vendia álcool e se comia carne.

Arrisco afirmar que esse tipo de “experiência transgressora” sobre a instituição reforça mais ainda o vínculo da identidade de devoto com a tradição, pois o indivíduo consegue encontrar na lógica, que deve ser para todos, aquilo que diz respeito somente a ele. Desta maneira, o valor da regulação institucional é englobado pelo o valor espontâneo da individualidade do indivíduo. Em termos dumonteano, a individualidade é englobada pelo individualismo.

Referências bibliográficas

DUMONT, L. *Homo Hierarchicus. O Sistema das Castas e suas implicações*. São Paulo: Edusp, 1997.

DUMONT, L. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

EKSTRAND, M.L.; BRYANT, E.F. (eds.) *The Hare Krishna movement. The postcharismatic fate of a religious transplant*. New York: Columbia University press, 2004.

PRABHUPADA, A.C.S. *O Bhagavad- Gita como ele é*. São Paulo: The Bhaktivedanta Book trust international, 1994.

ROCHFORD, E.B. *Hare Krishna transformed*. New York: New York University Press, 2007.

STEWART, T.K. *The Caitanya Caritamrta and the Grammar of Religious Tradition*. New York: Oxford University press, 2010.

VALLVERDÚ, J. La comunitat rural Hare Krishna: estil de vida i pràctica religiosa. In: *Quaderns de l'Institut Català d'Antropologia* 15/16 (2001).

Recebedo: 30/03/2013

Aprovado: 12/12/2013